

Leander Kahney

JONY IVE:

O gênio por trás dos grandes produtos da Apple

TRADUÇÃO

André Fontenelle



Copyright © Leander Kahney, 2013

A Portfolio-Penguin é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

PORTFOLIO and the pictorial representation of the javelin thrower are trademarks of Penguin Group (USA) Inc. and are used under license. PENGUIN is a trademark of Penguin Books Limited and is used under license.

TÍTULO ORIGINAL Jony Ive: The Genius Behind Apple's Greatest Products

CAPA Devin Washburn

FOTO DE CAPA Mike Marsland\Wireimage\Getty Images

PREPARAÇÃO Sílvia Massimini Felix

ÍNDICE REMISSIVO Probo Poletti

REVISÃO Carmen T. S. Costa, Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kahney, Leander

Jony Ive : o gênio por trás dos grandes produtos
da Apple / Leander Kahney ; tradução André Fontenelle.
— 1ª ed. — São Paulo : Portfolio-Penguin, 2013.

Título original: Jony Ive : The Genius Behind Apple's
Greatest Products.

ISBN 978-85-63560-83-4

1. Apple Computer, Inc. - História 2. Designer industrial -
Estados Unidos - Biografia 3. Ive, Jonathan, 1967-
4. Projeto de produto - Estados Unidos I. Título.

13-12552

CDD-621.39092

Índice para catálogo sistemático:

1. Designer industrial : Biografia 621.39092

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.portfolio-penguin.com.br

atendimentoao leitor@portfoliopenguin.com.br

SUMÁRIO

Nota do autor 9

Jony Ive 13

1. Os tempos de colégio 15
2. Uma formação britânica em design 26
3. A vida em Londres 42
4. Os primeiros dias na Apple 73
5. A volta de Jobs à Apple 111
6. Uma série de acertos 147
7. O estúdio de design atrás da Cortina de Ferro 167
8. A criação do iPod 179
9. Fabricação, materiais e outros temas 193
10. O iPhone 216
11. O iPad 237
12. *Unibody* em toda parte 245
13. O craque da Apple 255

Agradecimentos 275

Sigilo e fontes	277
Notas	279
Índice Remissivo	297

1

Os tempos de colégio

A parte hidráulica era tão bem-feita que o projetor se desdobrava quase num piscar de olhos. Dava para ver o talento surgindo em Jonathan.

Ralph Tabberer

DIZ A LENDA QUE CHINGFORD É O BERÇO DO CONTRAFILÉ. Depois de um banquete numa mansão, no fim do século XVII, o rei Carlos II degustou com tal prazer sua refeição que teria concedido o título de cavaleiro a um belo pedaço de Sir Loin.*

Outro produto de Chingford, Jonathan Paul Ive, veio ao mundo muito tempo depois, em 27 de fevereiro de 1967.

Assim como seu filho mais novo, Chingford é silenciosa e discreta. Uma cidade-dormitório no limite nordeste de Londres, que faz fronteira com o condado rural de Essex, logo ao sul da floresta de Epping. Chingford vota nos conservadores e é o distrito eleitoral de Iain Duncan Smith, ex-líder do Partido Conservador, que ocupa a famosa cadeira pertencida a Sir Winston Churchill.

A infância de Jony Ive foi confortável, mas humilde. Seu pai, Michael John Ive, era ourives, e a mãe, Pamela Mary Ive, era psicoterapeuta. O casal teve uma segunda criança, a filha Alison, dois anos depois do nascimento do filho.

Jony frequentou a Chingford Foundation School, onde depois viria a estudar David Beckham, o célebre craque do futebol. (Beckham es-

* Trocadilho com “*sirlain*” (contrafilé, em inglês) e o título de Sir. (N. T.)

tudou lá oito anos depois de Jony.) Quando estava na escola, Jony recebeu o diagnóstico de dislexia, prejudicial ao aprendizado (condição que compartilhava com outro colega que usava o lado esquerdo do cérebro, Steve Jobs).

Na infância, Jony mostrava curiosidade pelo funcionamento das coisas. Fascinava-o descobrir como os objetos eram montados. Ele desmontava cuidadosamente rádios e gravadores, intrigado pela forma como eram fabricados, pelo modo como as peças se encaixavam. Embora tentasse remontar os equipamentos, nem sempre conseguia.

“Que eu me lembre, sempre tive interesse por objetos manufaturados”, recordou ele numa palestra em 2003 no Museu do Design, em Londres. “Quando era garoto, lembro-me de desmontar tudo aquilo em que punha as mãos. Depois isso evoluiu para um interesse maior em como eles eram feitos, como funcionavam, sua forma e seu material.”¹

Mike Ive incentivou o interesse do filho, envolvendo o garoto em conversas sobre design o tempo todo. Embora nem sempre Jony se desse conta do contexto mais amplo em torno de seus brinquedos — “No início, o fato de que eram projetados não era evidente nem interessante para mim”, disse ao público londrino em 2003 —, seu pai estimulou o envolvimento com o design durante toda sua infância.

Arranque a peça velha

A influência de Mike Ive foi bem além do menino precoce dentro de casa. Durante anos ele trabalhou como ourives e professor em Essex. Descrito por um colega como um “gigante gentil”, ele era muito querido e admirado por seu jeito trabalhador.²

Sua habilidade para fabricar coisas levou-o à decisão inicial de dar aulas para futuros artesões, mas uma ascensão posterior na hierarquia educacional lhe proporcionou uma influência mais ampla. Mike fazia parte do grupo de professores prestigiosos retirados do ensino diário pelo Ministério da Educação e intitulados Inspectores de Sua Majestade. Ele assumiu a responsabilidade pelo monitoramento da qualidade da

educação nas escolas de seu distrito, concentrando-se especificamente em design e tecnologia.

Naquela época, as escolas britânicas estavam tentando aprimorar a educação vocacional. Havia um fosso cada vez maior entre as matérias acadêmicas e as atividades práticas, como o design. Aulas como marcenaria, trabalho com metal e culinária — ou seja, aulas de habilidades manuais — eram consideradas menos importantes e recebiam menos verba. Pior que isso, não havia um padrão de ensino estabelecido, ou, nas palavras de um ex-professor, “na prática” as escolas “ensinavam o que bem entendessem”.³

Mike Ive levou a um novo patamar aquilo que viria a ser chamado de TD (“tecnologia de design”), estabelecendo um lugar para a disciplina como parte do currículo básico das escolas britânicas.⁴ No currículo de design e tecnologia voltado para o futuro, que Mike ajudou a criar, a ênfase mudou da habilidade manual para um curso integrado, que misturava o ensino acadêmico com a produção de objetos.

“Como educador, ele estava bem à frente de seu tempo”, diz Ralph Tabberer, ex-colega e professor de Mike. Ralph viria a se tornar diretor-geral de Educação no governo do primeiro-ministro Tony Blair, na virada do século. Mike ajudou a redigir o currículo obrigatório considerado modelo para todas as escolas britânicas, tornando a Inglaterra e o País de Gales as primeiras nações do mundo a oferecer o ensino de tecnologia de design a todas as crianças entre os cinco e os dezesseis anos.

“Sob a influência dele, a TD deixou de ser uma matéria marginal e passou a ocupar 7% a 10% do tempo dos alunos das escolas”, diz Tabberer. Outro ex-colega de Mike Ive, Malcolm Moss, define assim a contribuição de Mike ao ensino de tecnologia de design: “Mike alcançou sua reputação por ser um defensor convincente da TD”.⁵ Isso significa que Mike ajudou a transformar o que era, no fundo, uma aula recreativa num curso de design para crianças e adolescentes. Estabeleceu a base para uma geração de designers britânicos talentosos. Entre eles, o próprio filho.

Tabberer se recorda de Mike Ive comentando a respeito da evolução de Jony na escola e sua paixão cada vez maior pelo design. Mas Mike não era um pai obcecado, tentando transformar o filho em prodígio,

como o pai das estrelas do tênis Venus e Serena Williams. “A influência de Mike no talento do filho foi apenas um estímulo”, diz Tabberer.

Ele falava de design com Jonathan constantemente. Andando juntos na rua, Mike apontava para os diferentes tipos de poste de luz e perguntava a Jonathan por que eles eram diferentes uns dos outros: como a luz incidiria e como as condições meteorológicas teriam afetado as escolhas de design. O tempo todo eles conversavam sobre os objetos à sua volta, o ambiente construído [...] e como era possível aprimorá-lo.⁶

“Mike era um cara que tinha uma energia silenciosa. Ele era bom no que fazia o tempo todo”, acrescenta Tabberer. “Uma figura extremamente gentil, afável, generosa e educada. Um clássico gentleman inglês.” Características, é claro, que Jony também possui.

Mudança para o norte

Antes de Jony completar doze anos, a família se mudou para Stafford, cidade de médio porte várias centenas de quilômetros ao norte da região de West Midlands. Espremida entre Wolverhampton, grande cidade industrial ao sul, e Stoke-on-Trent, ao norte, Stafford é um lugar bonito cujas ruas são enfeitadas por edifícios antigos. No limite da cidade, vigiam-na as ruínas escarpadas do castelo de Stafford, fundado pelos conquistadores normandos da Grã-Bretanha no século XI.

No início dos anos 1980, Jony entrou para a Walton High School, uma grande escola pública no subúrbio de Stafford. Ao lado das crianças locais, ele estudou as matérias básicas do ensino médio e parecia facilmente adaptado à nova cidade. Os colegas se lembram dele como um adolescente humilde, de cabelos escuros, um pouco gordinho. Era popular, tinha um amplo círculo de amizades e participava de diversas atividades extracurriculares da escola. “Ele tinha uma personalidade determinada — adaptou-se de cara”, diz o ex-professor John Haddon, que dava aulas de alemão na escola.⁷

Embora a Walton tivesse um laboratório de informática apinhado dos incipientes computadores daquela época (Acorns, BBCs e um dos famosos zx spectrums de Clive Sinclair), Jony nunca se sentiu inteiramente à vontade ali, talvez em função de sua dislexia. Os computadores de então tinham de ser programados, caractere por caractere, numa linha de comando com um cursor piscante.⁸

Uma organização religiosa local, a Irmandade Cristã Wildwood, congregação evangélica não confessional que se reunia num centro comunitário local, proporcionou a Jony uma válvula de escape criativa, juntamente com outros músicos que ele conheceu ali. “Ele era baterista numa banda chamada White Raven”, recorda Chris Kimberley, que frequentou a Walton High School na mesma época. “Os outros integrantes da banda eram muito mais velhos que ele [...] e, juntos, tocavam um rock suave nos salões da igreja.”⁹

À medida que Jony começava a mostrar habilidade como desenhista talentoso e técnico em design, ambas as matérias ofereciam outro alívio aos estudos mais acadêmicos. A relação com o pai continuava a ser uma fonte de inspiração. “Meu pai era um ótimo artesão”, diria Jony, já adulto. “Ele criava móveis, criava joias e tinha um talento incrível para as coisas que você mesmo pode fazer.”¹⁰

No Natal, Mike deu um presente muito pessoal ao filho: acesso irrestrito à sua oficina. Sem ninguém por perto, Jony podia fazer o que quisesse, com o apoio do pai. “Meu presente de Natal foi um dia inteiro ao seu lado na oficina do colégio, nas férias de inverno, quando não havia mais ninguém ali. Papai me ajudava a fazer o que quer que eu sonhasse.”¹¹ A única condição era que Jony teria de desenhar à mão livre o que os dois fossem fabricar. “Sempre compreendi a beleza das coisas feitas à mão”, disse Jony ao biógrafo de Steve Jobs, Walter Isaacson. “Acabei me dando conta de que o que realmente importa é o cuidado que se tem. O que mais desprezo é perceber desleixo num produto.”

Mike Ive também levava Jony em visitas aos estúdios e às escolas de design de Londres. Um momento instrutivo ocorreu numa visita a um estúdio de design de automóveis. “Naquele instante, me dei conta de que realizar esculturas em escala industrial poderia ser um modo interessante para se levar a vida”, diria Jony tempos depois.¹² Aos treze anos,

Jony já sabia que queria “desenhar e fazer coisas”, mas não tinha escolhido exatamente o que desejava fazer. Ele cogitava desenhar qualquer coisa — de carros a outros produtos, de móveis a joalheria, e até barcos.

A influência de Mike Ive na formação de seu filho como designer não pode ser quantificada, mas é irrefutável. Mike sempre defendeu veementemente o ensino empírico (testar e fazer)¹³ e o desenho intuitivo (“Meta a cara e faça, vá consertando enquanto faz”).¹⁴ Em suas apresentações de slides, Ive pai descrevia o ato de “desenhar e esboçar, conversar e debater” como crucial no processo criativo. Defendia a tomada de riscos e uma aceitação consciente da ideia de que os designers “nem sempre sabem tudo”. Ele incentivava os professores de design a gerir o processo de aprendizagem contando “a história do projeto”. Considerava essencial que os jovens criassem tenacidade “de modo que nunca houvesse momentos ociosos”. Todos esses elementos viriam a se manifestar no processo de criação do iMac e do iPhone, projetados por seu filho na Apple.

Jony ia para a escola dirigindo. Chegava à Walton ao volante de um minúsculo Fiat 500 que ele apelidou de Mabel. Na Grã-Bretanha do início dos anos 1980, muitos adolescentes punks e góticos se vestiam de preto — e Jony não fugia à regra. Os longos cabelos negros, penteados em moicanos de vários centímetros de altura, lhe davam um ar de Robert Smith, do The Cure — salvo o lápis espesso que Smith passava nos olhos. O penteado de Jony era tão alto que ele tinha que abrir o teto solar do Fiat para não amassar o cabelo. Os professores se lembram do Fiat laranja berrante entrando no pátio da escola, com um tufo de cabelo preto espetado saindo pelo teto.

Naquela época — assim como hoje — os automóveis eram importantes para Jony. Ele e o pai estavam restaurando um carro antigo, um Austin-Healey Sprite retrô, com faróis esféricos que pareciam sair do capô como um par de olhos de sapo arregalados. Sua aparência era incomum, dando ao carrinho de dois lugares um ar simpático, antropomórfico. Mas o design também era instigante: o Sprite tinha um chassi semimonocoque, ou seja, a carcaça externa do carro era estrutural.

Já na escola o talento de Jony como designer começou a aparecer. Um amigo e ex-colega das aulas de design, Jeremy Dunn, lembra-se de um relógio inteligente criado por Jony. Preto fosco, com ponteiros negros e sem números, ele podia ser montado em qualquer sentido, graças ao design. Embora fosse feito em madeira, o acabamento preto do relógio era tão impecável que os amigos não tinham como saber de que material ele havia sido feito.¹⁵

Com a perspectiva dos estudos universitários se aproximando, Jony começou a se preparar para os *A-levels*, o vestibular do Reino Unido. A prioridade de Jony era ingressar no curso de tecnologia de design, que, à época, era um misto de dois anos. No primeiro ano, os alunos aprendiam as características e possibilidades de diferentes matérias-primas, que iam da madeira ao metal, do plástico ao tecido: praticamente qualquer material. A intenção era dar aos alunos a oportunidade de desenvolver ideias e aprender habilidades práticas antes do segundo ano, que era mais acadêmico, centrado em um único projeto principal.

“Era muito prático”, lembra Craig Mounsey, designer que fez o curso na mesma época que Jony. “Adquiríamos talento para executar as coisas e, ao mesmo tempo, conhecimento do processo de design.”¹⁶

O trabalho de Jony era excepcional, e seus desenhos, excelentes. Seus professores não se lembram de outro aluno daquela idade com tamanho talento. Mesmo com apenas dezessete anos, seus projetos costumavam ser completos, prontos para a produção. “Seus gráficos eram brilhantes”, diz Dave Whiting, que ensinou design e tecnologia a Jony por vários anos. “Ele fazia os desenhos iniciais em papel pardo, com tinta branca e preta, um jeito novo e altamente eficaz. Jony tinha um modo diferente de apresentar ideias. Seus projetos eram originais, inovadores, frescos.”¹⁷

“Jony era tão bom”, acrescenta Whiting, “que só de olhar seu trabalho aprendíamos muita coisa com ele.”

E o rapaz não era bom apenas na parte manual. Ele era um comunicador excepcional de suas ideias. “Fazia coisas que os outros não faziam”, diz Whiting. “Quando você é designer, tem de ser capaz de explicar suas ideias a gente que não é designer: aqueles que vão financiá-lo ou cuidar da produção de sua ideia. Você tem de fazê-los acreditar no produto e em sua viabilidade. Jony era capaz disso.”

Os professores percebiam a sofisticação do que Ive fazia, e alguns de seus desenhos e pinturas foram pendurados na sala do diretor da escola. “Eles representavam partes de igrejas, arcos e detalhes de ruínas, esboços a lápis extremamente precisos, assim como aquarelas”, diz Whiting. Quando a sala do diretor foi reformada, no final dos anos 1980, os esboços sumiram, mas as pessoas ainda se lembram de seu talento. “Ouvimos Jony dizer que não é bom desenhista”, disse Whiting numa entrevista, “mas não é verdade. Jony percebeu, desde o início, a importância do traço e do detalhe nos produtos. Por exemplo, ele projetava telefones celulares finos e detalhados, parecidos com os aparelhos atuais, quando ainda estava no colégio.” O interesse de Jony em telefones não era apenas brincadeira de adolescente. Ele continuou a desenhar novos telefones até o fim de sua formação acadêmica (e, é claro, na Apple).

Como projeto de segundo ano, Jony decidiu desenhar um projetor de transparências. Os alunos de TD tinham de criar a ideia inicial, refiná-la, fazer desenhos de apresentação e maquetes e, se possível, fabricar o produto real. Era mais que um exercício teórico no papel: era um processo completo, do conceito à finalização.

O projeto também requeria pesquisa de mercado. Jony sabia que, naquela época, os projetores eram um produto-padrão nas escolas e empresas. Estavam nas mesas de todos os professores, projetando transparências em paredes e quadros brancos. Presentes em toda parte, eram aparelhos grandes, que ocupavam espaço, mas, tendo pesquisado o mercado de projetores, Jony resolveu que havia demanda para um modelo mais portátil.

Ele desenhou um projetor leve, que podia ser dobrado e guardado numa maleta preta fosca com detalhes em verde-limão. Pequeno e fácil de transportar, tinha uma aparência extremamente moderna — e bem diferente dos projetores de mesa desajeitados e meramente utilitários daquela época. Quando a maleta era aberta, surgia uma lente de Fresnel, com zoom e luz interior. Como nos projetores tradicionais, as transparências dispostas sobre uma tela eram projetadas na parede através de uma lupa e uma série de espelhos.

Ralph Tabberer, amigo de Mike Ive e professor, recorda-se de como ficou impressionado quando viu o projetor de Jony pela primeira vez.

“A parte hidráulica era tão bem-feita que o projetor se desdobrava quase num piscar de olhos. Dava para ver o talento surgindo em Jonathan.”

Os professores da Walton gostaram do projeto de Jony e decidiram inscrevê-lo, junto com os trabalhos de alguns outros alunos, num concurso nacional. Naquele ano, o prêmio de Jovem Engenheiro do Ano, patrocinado pelo Conselho Britânico de Design, teria como jurado Terence Conran, designer de interiores e arquiteto de fama internacional. Na primeira fase, os candidatos apresentavam gráficos, desenhos e fotografias. Os projetos mais interessantes eram escolhidos para a etapa seguinte da competição.

O projetor portátil de Jony estava entre os selecionados para a segunda fase. Antes de enviar seu projetor à etapa seguinte do julgamento, Jony o desmontou para limpeza e polimento final. Ao remontá-lo, porém, sem perceber, ele instalou a lente ao contrário. Como resultado, em vez de projetar uma imagem clara, a lente de Fresnel invertida espalhou luz para todos os lados, tornando a imagem indistinguível. Da forma como foi apresentado, o aparelho era inútil, e os jurados rejeitaram o projeto de Jony. Mesmo assim, sua ideia era, certamente, única: embora Jony não tenha vencido a competição, um projetor portátil bastante parecido foi lançado pouco tempo depois.

Um raro patrocínio

Aos dezesseis anos, o talento de Jony já começava a chamar a atenção do mundo do design.

Philip J. Gray, diretor executivo do maior escritório de design de Londres, o Roberts Weaver Group, notou o trabalho de Jony num congresso de professores.

Como inspetor-chefe de design de Sua Majestade, Mike Ive organizou o que viria a se tornar um congresso anual para promover o design em âmbito nacional. Quando Phil Gray chegou, para ser o palestrante principal do evento, pôs os olhos pela primeira vez no trabalho de Jony.

No saguão do congresso, fora instalada uma pequena exposição de projetos de alunos do ensino médio. Entre os trabalhos expostos, havia

peças de Jony. Gray foi imediatamente atraído pelos esboços de escovas de dentes do garoto. Muito tempo depois, Gray ainda se lembra dos “traços finos de lápis e lápis de cor”, e da “qualidade do raciocínio e da análise” evidente na obra do jovem estudante de design.

“O trabalho dele se destacava por ser muito maduro para um jovem de dezesseis ou dezessete anos”, diz Gray. “Comentei: ‘Que talento extraordinário’. Mike respondeu: ‘Fico feliz, porque esses esboços foram feitos por meu filho Jony’.”¹⁸

Alguns dias depois, pai e filho foram visitar Gray na sede do Robert Weaver Group, no centro de Londres. Durante o almoço, Gray deu a Ive conselhos a respeito das melhores faculdades de design. “Fiz algumas recomendações”, lembra Gray. A principal delas era a Newcastle Polytechnic.

No almoço, Mike Ive também fez uma pergunta atrevida: a empresa de Gray aceitaria patrocinar os estudos de Jony? Em troca de uma bolsa anual de 1500 libras, Jony se comprometeria a trabalhar para o escritório de design depois que se formasse. Esse tipo de patrocínio era muito raro naquela época, mas Gray concordou.

“Jony foi a única pessoa na história do rwg que eu patrocinei”, diz Gray. “Tínhamos estagiários que vinham da universidade trabalhar conosco nas férias — mas Jony foi o único aluno que de fato patrocinamos [...], e não foi difícil convencer os outros diretores do rwg a patrociná-lo. Seu talento era excepcional.”

Pode parecer que Mike Ive estava forçando o filho a seguir a carreira de designer, mas Gray não acha que tenha sido o caso. Para Gray, Mike estava respondendo à crescente obsessão do filho pelo design. “Mike usava sua posição para entrar em contato com a elite do design na esperança de que parte dela travasse contato com Jony”, reconhece Gray, acrescentando que Jony “era um engenheiro bem esperto [...], e tanto o pai quanto o filho eram muito entusiasmados. Era simplesmente uma família com gosto pelo desenho industrial.”¹⁹

Nos anos seguintes, Gray teve outras oportunidades de observar pai e filho. “Eles eram muito parecidos: tímidos, mas muito concentrados, e sempre faziam as coisas sem alarde”, diz. “Não me lembro de vê-los levantando a voz uma única vez! Minhas recordações são, sobretudo,

de sorrisos serenos e do prazer de estar com eles, mais que de gargalhadas. O orgulho de Mike era visível, mas nunca se comentava. É pouco comum, porém o talento e a humildade podem andar juntos.”

A influência do pai era visível tanto no temperamento de Jony quanto no amor pelo design. “Mike Ive era um grande entusiasta que sempre amou o que fazia”, diz Gray. “Ele era enérgico e torcia muito pelo sucesso do filho. No fundo, era um pai amoroso que tentou assegurar que Jony tivesse as melhores oportunidades possíveis como designer.”

Em seus tempos na Walton High School, Jony decidiu aprofundar seus estudos não apenas em tecnologia de design, mas também em química e física, o que não era normal num aluno orientado para as artes. Quando ele se formou na Walton, em 1985, tirou A em todas as três provas *A-level*. O trabalho duro de dois anos de preparação valeu a pena, dado que não era fácil obter a nota máxima três vezes: segundo as estatísticas do governo britânico, isso o inseria num grupo de elite composto por 12% dos estudantes em todo o país.²⁰

As notas o qualificavam para uma vaga em Oxford ou Cambridge, as universidades britânicas mais prestigiosas. Por conta de seu interesse em se tornar projetista de automóveis, Jony também cogitou a Central Saint Martins College of Arts and Design, em Londres, uma das principais escolas de arte e design do mundo. Mas, ao visitá-la, sentiu que ali não seria o lugar certo para ele. Em suas palavras, Jony achou os alunos “esquisitos demais”. “Enquanto desenhavam, eles faziam ‘vruuum, vruuum.’”²¹

Com um histórico acadêmico e um talento daqueles, Jony podia escolher. No fim, seguiu o conselho de Phil Gray e optou pela Newcastle Polytechnic, no norte da Inglaterra. O design de produtos seria sua praia.